

EVELINE

James Joyce

Traduzido do inglês por José Barbosa da Silva

ELA SE SENTOU JUNTO À JANELA para contemplar a noite invadir a avenida. Recostou a cabeça na cortina, enquanto o cheiro de cretone empoeirado lhe entrava pelas narinas. Estava cansada.

Poucas pessoas passavam por ali. O sujeito que morava no fim da rua passou a caminho de casa; ela ouviu os passos deles estalarem na calçada de concreto e depois rangerem sobre a estradinha de pó de carvão que passava em frente às novas casas vermelhas. Houvera ali no passado um terreno baldio onde ela e os irmãos costumavam brincar toda noite com os filhos dos vizinhos. Tempos depois um homem de Belfast comprou o terreno e nele construiu casas, não casas pequenas e pardas como aquelas em que eles moravam; mas casas vistosas, de alvenaria e com telhados reluzentes. As crianças da avenida brincavam juntas naquele terreno — os filhos da família Devine, da família Water, e da família Dunn, sem contar o pequeno Keogh, que era coxo, além dela própria e de seus irmãos e irmãs. Ernest, porém, nunca brincava, pois já era bastante crescido. O pai dela tinha o hábito de enxotar as crianças do terreno com sua bengala de abrunheiro; na maior parte das vezes, no entanto, o pequeno Keogh montava guarda e dava o alarme quando via o pai dela se aproximar. Apesar disso, eles pareciam ter sido muito felizes naquela época. Além do pai dela não estar tão atacado, a mãe ainda não havia morrido. Mas isso fora há muito tempo; agora ela e os irmãos e irmãs eram adultos; e a mãe estava morta. Tizzie Dunn também morreria; e a família Water tinha voltado para a Inglaterra. Tudo muda. Agora era a vez de ela fazer como os outros: ir embora, sair de casa.

Casa! Ela correu os olhos pela sala, passando em revista todos os objetos conhecidos (objetos que espanava uma vez por semana havia tantos anos) e perguntando a si mesma de onde vinha tanta poeira. Talvez nunca mais voltasse a ver aqueles objetos familiares, dos quais jamais imaginou se separar um dia. E, apesar de conhecer esses objetos tão bem, durante todos aqueles

anos nunca descobrira o nome do padre cuja fotografia amarelada pendia da parede, acima do harmônio quebrado, ao lado da gravura em louvor à beata Margarida Maria Alacoque. O padre fora colega de escola do pai dela, o qual, sempre que mostrava a fotografia a um visitante, fazia o mesmo comentário displicente:

— Agora ele está em Melbourne.

Ela havia concordado em partir, sair de casa. Seria uma decisão sensata? Tentou pesar cada lado da questão. Bem ou mal, em casa ao menos tinha teto e comida e vivia entre pessoas que a conheciam desde criança. É bem verdade que precisava trabalhar arduamente tanto em casa quanto no emprego. O que diriam dela na loja de departamento ao descobrirem que fugira com um sujeito qualquer? Que era uma idiota, talvez; e sua vaga seria preenchida por meio de um anúncio de jornal. A senhorita Gavan, que sempre implicara com ela, sobretudo quando havia gente escutando, ficaria exultante.

— Senhorita Hill, não vê que estas senhoras estão esperando?

— Mexa-se, senhorita Hill!

Não, ela não derramaria muitas lágrimas por deixar a loja.

Mas em seu novo lar, num país distante e desconhecido, as coisas seriam diferentes. Logo estaria casada — sim, ela mesma, Eveline. Então as pessoas passariam a tratá-la com respeito. Não seria tratada como haviam tratado sua mãe. Mesmo agora, que tinha mais de dezenove anos, às vezes ainda se sentia ameaçada pela violência paterna. Sabia que essa era a causa de suas palpitações. Quando todos eram crianças, o pai nunca havia batido nela, como costumava fazer com Harry e com Ernest, porque ela era uma garota; mas ultimamente passara a ameaçá-la dizendo o que faria com ela não fosse a lembrança de sua falecida mãe. O problema é que agora não havia mais ninguém para protegê-la. Ernest morrera; e Harry, que trabalhava com decoração de igrejas, estava quase sempre ausente em algum ponto distante do país. Além do mais, as constantes brigas por causa de dinheiro nas noites de sábado a estavam deixando bastante exausta. Embora ela sempre contribuísse com seu salário inteiro — sete xelins — e embora Harry sempre enviasse o que podia, o problema era obter algum dinheiro do pai. Este a acusava de ser perdulária e de não ter juízo; dizia que não daria o seu suado dinheirinho para ser jogado fora e outras coisas mais, pois ele geralmente ficava em estado deplorável nas noites de sábado. Ao fim e ao cabo, porém, entregava o dinheiro e perguntava se a filha podia fazer as compras para o jantar de domingo. Então, Eveline tinha de correr o mais rápido possível para o mercado, abrir caminho com os cotovelos através da multidão enquanto segurava firmemente a bolsa preta de couro e voltar para casa tarde, carregada de sacolas. Era um trabalho árduo manter a casa em ordem e cuidar para que as duas crianças deixadas sob os seus cuidados frequentassem a escola regularmente e fossem alimentadas com a mesma regularidade. Era um trabalho árduo — uma vida árdua — mas agora que estava prestes a abandoná-la, esta não lhe parecia uma vida inteiramente indesejável.

Faltava pouco para Eveline experimentar outra vida com Frank. Frank era um homem bom, valoroso, sincero. Fugiria com ele no navio noturno para se tornar sua esposa e viver com ele em Buenos Aires, onde havia um lar esperando por ela. Lembrava muito bem da primeira

vez que o vira: ele estava hospedado na rua principal, numa casa que ela costumava visitar. Parecia haver transcorrido apenas algumas semanas. Ele estava parado no portão, com o quepe puxado para o ponto mais alto da cabeça e o cabelo caído para a frente sobre a testa bronzeada. Foi assim que se conheceram. Depois disso ele passou a esperá-la todas as noites à porta da loja para acompanhá-la até em casa. Levou-a para assistir “A Garota Cigana”, e ela ficou exultante ao sentar-se ao lado dele num setor do teatro pouco habitual. Frank adorava música e também cantava um pouco. As pessoas sabiam que os dois estavam namorando e, quando ele cantou a canção sobre a jovem apaixonada pelo marinheiro, Eveline se sentiu agradavelmente confusa. Frank costumava chamá-la pelo apelido carinhoso de “Amapola”. A princípio, a ideia de ter um namorado não passara de um deslumbramento, mas logo começou a gostar dele de verdade. O namorado lhe contava histórias de países distantes. Confidenciou-lhe que começara como grumete, ganhando uma libra por mês a bordo de um navio da Allan Line que fazia linha para o Canadá. Disse o nome de todos os navios em que viajara e das diversas companhias de navegação para as quais trabalhara. Velejara pelo estreito de Magalhães e lhe contou histórias a respeito dos terríveis índios da Patagônia. Fixara residência em Buenos Aires, segundo disse, e voltara à velha terra natal apenas para passar férias. O pai dela, obviamente, descobriu o namoro e proibiu a filha terminantemente de sequer dirigir a palavra a Frank.

— Conheço muito bem esses marinheiros, justificou ele.

Certo dia o pai dela discutiu com Frank e desde então ela passou a encontrar o namorado às escondidas.

A noite se aprofundava na avenida. O branco das duas cartas que ela tinha no colo ficou indistinto. Uma era para Harry; a outra, para o pai. Embora Ernest fosse seu irmão preferido, também gostava de Harry. Nos últimos tempos percebeu que o pai ficara mais decrépito; ele sentiria saudades dela. Vez ou outra ele podia ser muito amável. Não fazia muito, quando ela passou um dia inteiro de cama, ele leu para ela uma história de fantasma e lhe preparou torradas no forno. Em outra ocasião, quando a mãe ainda estava viva, a família toda fez um piquenique na Colina de Howth. Ela lembrava do pai colocando o chapéu da mãe para divertir as crianças.

Apesar de o tempo dela estar se esgotando, Eveline continuava sentada junto à janela, com a cabeça recostada na cortina, inalando o cheiro de cretone empoeirado. Lá embaixo, na avenida, ouviu o som de um realejo. Reconheceu a melodia. Estranho que justo nessa noite o realejo voltasse como para lembrá-la da promessa feita à mãe de fazer o possível para manter a família unida. Lembrou-se da última noite da doença da mãe; era como se estivesse novamente no quarto escuro e estreito do outro lado do corredor, de onde ouvia uma melancólica canção italiana tocada na rua. Na ocasião, deram seis pences ao tocador de realejo e pediram que ele fosse embora. Lembrou do pai voltando ao quarto da enferma com um andar empertigado, exclamando:

— Malditos italianos! O que fazem aqui?

Enquanto pensava nessas coisas, sentiu-se tocada no mais profundo de seu ser pela visão lastimável da vida que tivera a mãe: uma vida de sacrifícios cotidianos que culminaram na loucura final. Estremeceu ao ouvir novamente a voz da mãe repetir com insistência insana em

irlandês:

— *Derevaun Seraun! Derevaun Seraun!* (No fim do prazer tem a dor)

Ergueu-se num sobressalto de pavor. Fugir! Precisava fugir! Frank a salvaria. Ele lhe daria uma vida; e, quem sabe, até amor. E ela queria viver. Por que tinha de ser infeliz? Tinha direito à felicidade. Frank a tomaria nos braços, a envolveria num abraço. Ele a salvaria.

Eveline estava agora no meio da multidão ondulante na estação de embarque de North Wall. Frank lhe segurava a mão. A estação estava repleta de soldados com malas marrons. Através dos largos portões do galpão, ela viu de relance a silhueta negra do navio, parado ao lado do muro do cais com as vigias iluminadas. Embora percebesse que Frank estava falando com ela, dizendo e redizendo algo a respeito das passagens, ela não respondia nada. Sentia o rosto pálido e frio e, do abismo de angústia em que se encontrava, rogava a Deus que lhe indicasse o caminho e lhe dissesse o que devia fazer. O navio desferiu dentro da névoa um silvo longo e triste. Caso embarcasse, no dia seguinte estaria em alto mar ao lado de Frank, navegando rumo a Buenos Aires. As passagens dos dois já estavam reservadas. Seria possível voltar atrás depois de tudo o que ele havia feito por ela? A angústia que sentia era tão grande que lhe provocava náuseas, e ela continuava movendo os lábios numa fervente e inaudível prece.

O apito do navio anunciando a hora da partida estrugiu em seu coração como uma trombeta. Sentiu que Frank a tomava pela mão:

— Vem!

Todos os mares do mundo se despejaram dentro do seu coração. Frank a estava arrastando para o fundo desses mares, onde a afogaria. Ela se agarrou firmemente às grades de ferro com as duas mãos.

— Vem!

Não! Não! Não! Era impossível. As mãos delas apertavam o ferro em desespero. Do meio dos mares ela desferiu um uivo de angústia!

— Eveline! Evvy!

Frank, que havia atravessado para o outro lado do cordão de isolamento, a chamava, para que o seguisse. Ordenaram que ele não se detivesse ali, mas ele continuava a chamá-la. Eveline olhou para ele com o rosto lívido, apática como um animal indefeso. Mas os olhos dela não comunicavam nada: nenhum sinal de amor, de despedida ou de agradecimento.